

O “ESFORÇO DE GUERRA” EM FORTALEZA: ATIVIDADE PATRIÓTICA E PARTICIPAÇÃO FEMININA NOS ANOS DE 1940

Jane Derarovele Semeão e Silva¹

No ano de 1939 teve início a Segunda Guerra Mundial, conflagrada em território europeu. Em agosto de 1942 o Brasil declara guerra à Alemanha após ter alguns de seus navios afundados por submarinos daquele país, colocando-se ao lado dos Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética na luta contra a aliança Alemanha, Itália e Japão². A partir de então, o Brasil passou a acompanhar com maior interesse o desenrolar da guerra e a viver mais intensamente a atmosfera do conflito.

Na capital cearense, a rotina foi quebrada não apenas pela mobilização de caráter cívico e patriótico que se verificou em torno do conflito e pelos exercícios de “defesa passiva da cidade”, como também pela presença de militares estadunidenses aquartelados nas bases norte-americanas do Pici e Cocorote³. Verificou-se na cidade o engajamento de várias pessoas em torno de atividades em prol da “defesa nacional” e do combate à ideologia nazi-fascista, entre elas as mulheres. Apesar de todas as amarras morais e culturais que as prendiam a esfera doméstica, a vivência da Segunda Guerra em Fortaleza contribuiu para estimulá-las a ultrapassar as fronteiras que limitavam seu acesso ao espaço público.

No que diz respeito às mulheres das camadas médias e altas, personagens principais desse artigo, embora seu destaque no cenário urbano de Fortaleza durante o período de guerra não tenha se traduzido de forma imediata num abrandamento das exigências morais nem numa ampla aceitação de sua participação no mercado de trabalho, conjecturamos que sua participação nos “esforços de guerra” da cidade possibilitou abrir frestas nas rígidas normas de comportamento que lhes eram destinadas e nas funções que deveriam desempenhar na sociedade. Esse artigo, portanto, analisa de que forma se deu a participação dessas mulheres nas atividades em torno do conflito mostrando, ademais, como a apropriação,

¹ Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Assistente do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri. E-Mail: <janesemeao@globocom>.

² COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã; EDUSP, 1995.

³ Em Fortaleza as bases aéreas receberam os militares ianques em fins de 1942 e princípios de 1943. Esta particularidade, também comum a outras cidades do Nordeste e Norte como Recife, Natal e Belém, resultou de uma das inúmeras concessões que o Governo brasileiro fez ao EUA em troca de benefícios políticos, econômicos e militares. O desejo dos militares de Washington em estender o seu poderio militar à costa litorânea do Norte/ Nordeste brasileiro baseava-se no argumento da proximidade dessa faixa de terra ao Norte da África e de sua posição privilegiada para a observação do Oceano Atlântico. MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. PINHEIRO, Letícia. “A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial”. *Revista USP*, Dossiê “50 anos da Segunda Guerra”, São Paulo, n. 26, jun./ ago. 1995, p. 108-119. AZEVEDO, Stênio & NOBRE, Geraldo. *O Ceará na Segunda Grande Guerra*. Fortaleza: ABC, 1998.

seguindo a acepção de Certeau⁴, desse ambiente de guerra proporcionou-lhes maior visibilidade estimulando-as a ultrapassar as fronteiras que limitavam seu acesso ao espaço público.

Conservadorismo e gênero feminino em Fortaleza

Em princípios de 1940, Fortaleza era uma cidade atravessada por forte conservadorismo no que se refere às relações entre o gênero feminino e masculino. A preocupação com a moralidade pública e questões relacionadas ao comportamento feminino, por exemplo, ocupavam diariamente as páginas dos jornais. Sendo as mulheres que compunham as camadas média e alta da sociedade, da mesma forma que em outras capitais brasileiras, as que mais sofriam pressões e vigilância em razão de sua condição social.

A ocupação em atividades fora do espaço doméstico só era admitida, de um modo geral, em dois casos: se a necessidade econômica exigisse ou se essas atividades estivessem relacionadas a ações beneficentes e/ou religiosas. Quando se inicia a década de 1940, um trabalho remunerado fora de casa para as filhas das classes abastadas apenas era aceito – e assim mesmo com restrições – se encarado como temporário, pois ao casar-se caberia unicamente ao marido, naturalmente, o sustento da família. Permanecia forte a imagem da mãe-esposa-dona de casa como a função mais importante das mulheres, correspondendo “àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa”⁵.

Não estamos com isso afirmando que elas não infringiam os papéis que as normas lhes destinavam, mesmo considerando as que pertenciam às camadas privilegiadas. Mas Fortaleza experimentou um ritmo de modernização e de progresso atinente às condutas e às relações entre os gêneros diferente das grandes capitais do país em função, em boa medida, de sua sociedade estar assentada em princípios morais advindos de um tradicionalismo religioso católico que exercia forte influência na determinação dos papéis, lugares e comportamentos de homens e mulheres⁶. Os senhores Stênio Azevedo e Geraldo Nobre testemunham que:

*Com hábitos persistentes, por proceder (ainda agora) do interior em sua grande maioria, a população de Fortaleza caracterizava-se, antes da Segunda Grande Guerra, por sua resistência a mudançassculturais, rejeitando influências exógenas, como atestava, por exemplo, a sua catolicidade.*⁷

⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – 1: Artes de fazer*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

⁵ MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do mundo feminino”. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.) & SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil – Vol. 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998, p. 374.

⁶ SEMEÃO, Jane. “Fortaleza nos anos 1940: imprensa escrita e relações de gênero”. *Embornal*, Fortaleza, ANPUH-CE, vol.1, n. 2, 2010. Publicação eletrônica. Disponível em: <<http://www.ce.anpuh.org/>>.

⁷ AZEVEDO & NOBRE, *O Ceará na Segunda...*, p. 31. Grifos nossos. A partir de depoimentos de ex-combatentes, pessoas envolvidas em alguns acontecimentos ocorridos na cidade durante os anos de guerra, fotografias, jornais, documentos militares e da própria memória, os autores realizam um

Enquanto em São Paulo, segundo Sevckenko, “nos frementes anos 20”⁸, “as moças aderiram com frenético entusiasmo aos hábitos modernos e desportivos”⁹, como foi o caso da natação, na Fortaleza dos anos 1940 era empreendido pelos jornais *Unitario* e *Correio do Ceará* uma campanha para incentivar a natação feminina na cidade:

*Mais dois dias e teremos, sobre as encapeladas vagas dos mares cearenses, o gigantesco empreendimento dos DIARIOS ASSOCIADOS DO CEARÁ. A “Prova Heróica”, cuja fama já atravessou fronteiras [...]. Noto eu, porem, uma grande lacuna: a falta de uma discipula de Maria Lenk [...]. Mister se faz a inscrição de uma ou mais nadadoras na lista de concorrentes, a exemplo de 1939, quando da realização da I Prova Heroica. Irene Ribeiro, jovem, morena e forte praiana, apareceu em nossa redação disposta a enfrentar, resoluta, os verdes mares bravios [...]. Em todo o mundo e mesmo no Brasil, especialmente no Rio, em São Paulo, Minas Gerais, Baía e no Rio Grande do Sul, ramificou-se a classe natatoria das descendentes de Eva. E no Ceará? Irene Ribeiro abriu o caminho. Quem o palmilhará também? Outra praiana do Mocuripe ou uma granfina da Praia de Iracema? Esperemos.*¹⁰

Um dos motivos para a ausência das mulheres nas competições de natação, e mesmo em sua prática esportiva, sustentava-se justamente no argumento de que esse esporte constituía-se em forte atentado a moral pelos trajes “indecorosos” usados pelos atletas. Os preceitos morais e a boa conduta deviam ser cultivados, não importando se nas grandes cidades determinados comportamentos, modas e atividades esportivas fossem considerados comuns, pois “o mal nunca deixa de ser mal pelo fato de praticado às ocultas ou às escancaras, sob calor de esporte ou coisa equivalente”¹¹.

Além de conservadora em seus hábitos, Fortaleza também era uma cidade

panorama do ambiente bélico, social e cultural de Fortaleza durante os anos de conflito.

⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia da Letras, 1992, p. 49,

⁹ SEVCENKO, *Orfeu Extático...*, p. 71.

¹⁰ “Apareça, mulher cearense!”, *Unitario*, Fortaleza, 12 mar. 1943, p. 05. Nenhuma mulher apareceu para se inscrever na “Prova Heróica”, levando os dois jornais, no ano seguinte, a continuar a campanha pela organização da natação feminina “num meio oitenta por cento provinciano como o nosso, onde usar maillot para muita gente ainda constitue uma afronta á sociedade [...]”. “Natação Feminina”, *Unitario*, Fortaleza, 30 jun. 1944, p. 05.

¹¹ *O Nordeste*, Fortaleza, 03 jul. 1944, p. 03. Na mesma reportagem esse jornal, que era produzido pela Igreja católica em Fortaleza, assim prosseguiu em sua indignação e reprovação à prática desse esporte: “ANDAM por ai a fazer grande barulhada em torno de exibições nudistas em competições natatorias. Até aqui se vinham contentando [...] com as apresentações unicamente masculinas. Mas, agora, querem tambem levar a mulher para essas amostras de falta de pudor. Si há esporte que desnude inteiramente uma pessoa é esse da natação. [...] É o que se chama uma falta absoluta de consideração para com a propria dignidade, maxime tratando-se de elementos femininos, que por obrigação moral, tem o dever do recato e da modéstia”.

que oferecia às mulheres poucas oportunidades de inserção no espaço público, ao contrário de centros como São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Com relação a São Paulo, a historiadora Rago afirma que nas três primeiras décadas do século XX, “entre as jovens que provinham das camadas médias e altas, muitas se tornavam professoras, engenheiras, médicas, advogadas, pianistas, jornalistas, escritoras e diretoras de instituições culturais, como a famosa feminista Bertha Lutz”¹².

Segundo Zilda Lima, em Fortaleza somente a partir da década de 1920 “é que foi permitido com reservas às mulheres circular no espaço público, obter espaço para suas escritas nos jornais e revistas e exercer profissões como a de professora”¹³. Mesmo em princípios de 1940, ainda eram poucos os casos de mulheres provenientes daqueles estratos sociais exercendo alguma atividade profissional ou formada nos cursos superiores que funcionavam na capital cearense¹⁴. Mas apesar de todas as amarras morais e culturais que as prendiam a esfera doméstica, o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra encorajou muitas a se engajarem em campanhas e atividades em prol da derrota nazista.

“Agora, as filhas de Eva”

O conflito mundial deflagrado em 1939, acompanhado através dos jornais e da única emissora de rádio existente na capital cearense (Ceará Rádio Clube – PRE-9), mobilizou o interesse de muitas mulheres pela discussão de temas relacionados ao combate. As senhoras Heloísa Facó e Hilma Montenegro, por exemplo, declararam que estavam sempre atentas às últimas notícias que chegavam da Europa¹⁵. D. Hilma nos contou que quando morava em Cedro, cidade do interior do Ceará,

¹² RAGO, Margareth. “Trabalho feminino e sexualidade”. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 603.

¹³ LIMA, Zilda Maria Menezes. *Mulheres de romance: perfis femininos da cidade de Fortaleza (1880-1900)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1999, p. 169.

¹⁴ O *Almanaque do Ceará* do ano de 1941 registrou um total de 121 médicos em Fortaleza, entre eles apenas uma mulher (o Curso de Medicina na capital cearense foi criado apenas em 1947). Em 1945 o número de médicas sobe para sete, permanecendo assim até o ano de 1947. A quantidade de mulheres dentistas era um pouco maior. Dos 57 profissionais relacionados em 1941, figura o nome de duas mulheres. Em 1945 esse número sobe para 06. Não podemos precisar, entretanto, se todas eram fortalezenses. No início de 1950 havia 936 homens com curso superior e 168 mulheres com o mesmo grau de ensino. Ver: “Almanaque do Estado Ceará – Coleção de 1941-1947”. In: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Anuário Estatístico do Brasil – Série Regional*. Vol. XIV, Tomo I. Rio de Janeiro: IBGE, 1955, p. 74.

¹⁵ D. Heloísa Facó era filha de um dos grandes comerciantes da capital à época da Segunda Guerra, possuindo parentes na França. A senhora Hilma Montenegro, que veio morar em Fortaleza no ano de 1942, era casada com comerciante. Os depoimentos compõem um conjunto de entrevistas que foram realizadas pela autora entre 1999 e princípios do ano 2000 com pessoas que viveram em Fortaleza durante o desenrolar da Segunda Guerra Mundial. O material foi utilizado, inicialmente, para compor o terceiro capítulo de minha dissertação de mestrado que analisou o surgimento das garotas “Coca-Cola” em Fortaleza durante os anos de guerra. Todas as entrevistas foram realizadas a partir de um questionário prévio, mas não fechado, e seguiu todos os procedimentos legais de doação para que pudessem ser utilizadas. Ver: SILVA, Jane Derarovele Semeão e. *Mulheres de Fortaleza nos anos de 1940: uma vivência da Segunda Guerra Mundial*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.

“ficava desesperada pela passagem do trem” porque como ela não tinha assinatura de nenhum periódico, pois o “marido não se interessava muito por esse tipo de coisa”, ela dependia da locomotiva para adquirir o jornal *Unitario*. Ao se mudar com o esposo para Fortaleza, a Segunda Guerra passou a ser acompanhada também pelo rádio. As chamadas do Repórter Esso, segundo ela, sempre a faziam correr para o aparelho deixando, muitas vezes, os afazeres domésticos para mais tarde.

D. Heloísa Facó, por sua vez, falou-nos que em sua casa todos procuravam estar sempre bem informados dos acontecimentos relativos a contenda por um motivo particular, possuíam parentes na Europa. Apesar de adolescente à época, ela lembra que quando a guerra foi declarada seu avô chegou em casa chorando e lamentando por sua família que estava na França. Fato que o fez ir para o “Rio disposto a mandar buscar o pessoal dele, eram três irmãs, o irmão com a mulher e o filho... umas oito pessoas porque as famílias na França são pequenas, oito ou dez pessoas”¹⁶. Após relatar a morte de alguns desses parentes e as dificuldades que passaram, além do choro do avô quando os alemães ocuparam Paris, diz então que “a guerra para nós foi muito acompanhada por causa disso. O vovô e o genro dele foram os fundadores da Aliança Francesa. As festas da Aliança Francesa todo mundo ia, havia uma vibração muito grande porque todo mundo aqui era francófilo, era pelos aliados. A guerra para mim foi muito vivida, a gente acompanhava”¹⁷.

As lembranças dessas testemunhas são expressivas da atenção que muitas mulheres dedicaram ao desenrolar do conflito, não tendo sido D. Heloísa e D. Hilma as únicas a estarem sintonizadas e preocupadas com os acontecimentos relativos à Segunda Guerra. A declaração de guerra feita pelo governo brasileiro em 1942 aos países do Eixo e sua repercussão em Fortaleza, certamente contribuíram para recrudescer entre o gênero feminino o interesse pela Segunda Guerra Mundial.

Na capital cearense, além do racionamento de gasolina e de alimento, da carência de artigos importados e do aumento no preço de produtos, houve grande mobilização por parte das autoridades civis e militares em orientar como a população e os serviços públicos deveriam agir em caso de uma agressão dos países “eixistas”. Como a costa litorânea do Nordeste é o ponto mais estratégico do continente por sua proximidade com o Norte da África, a possibilidade de um ataque alemão a essa região do território brasileiro era considerada plausível. O ambiente de guerra que então se instaurou em Fortaleza com os exercícios de “defesa passiva”, as notícias que do “front” chegavam, o recrutamento de pracinhas cearenses, instalação de bases aéreas americanas e as privações impostas pela venda controlada de gasolina e alimento gerou preocupações e incertezas.

Movidos pelos sentimentos de nacionalismo e patriotismo alimentados pela suposta ameaça externa a soberania do Brasil, e convictos da importância em colaborar para a defesa nacional, homens e mulheres passaram então a contribuir no que fosse possível para o “esforço de guerra”: “Campanha dos Metais”, “Campanha da Borracha”, “Semana Anti-Nazista”, venda de “Bônus de Guerra”,

¹⁶ Depoimento de D. Heloísa Facó, 1999.

¹⁷ Depoimento de D. Heloísa Facó, 1999.

por exemplo.

Em discurso proferido na escola Normal Justiniano de Serpa por uma normalista durante a visita de membros da Comissão de Defesa Nacional, existe não só um tom de conclamação para que as meninas daquele estabelecimento de ensino participassem ativamente do “combate aos piratas nazistas” como o reconhecimento de que elas, como mulheres, não poderiam ser deixadas de fora da mobilização patrocinada pelos poderes públicos em prol da derrota alemã:

A Semana anti-nazista que há pouco se iniciou não podia passar sem que [...] a voz da juventude normalista de Fortaleza se fizesse ouvir, vibrante, calorosa, entusiástica, para, unida a outras vozes [...] dizer ao Brasil que o Ceará continua a postos para a defesa da Patria Brasileira [...]. Sim, minhas caras colegas. Nossa voz tinha que ser ouvida também, neste instante supremo em que toda mocidade do Brasil reafirma a sua vontade de defender o território patrio da cobiça dos invasores de nações; nossa voz tinha que ser ouvida também, neste momento angustioso, em que a juventude patricia, deixando o conforto dos lares, acode pressurosa ao chamado da patria, para entregar-se resolutamente aos preparativos da guerra.¹⁸

As palavras e a atitude da estudante mereceram do cronista do jornal *Unitario*, dois dias após serem pronunciadas, destaque em sua coluna:

Há umas ideias, a respeito da mulher, com as quais jamais pude conciliar-me. Talvez sejam retrogradadas [...]. Uma delas é a da ‘mulher política’, de partido, que se mete no meio da agitação social, desfraldando uma bandeira [...]. Para mim, a paixão política vem matar justamente as virtudes do coração feminino que mais perfumam a existência terrena [...]. Não incluo entre esse preconceito o ódio espontâneo que existe contra o nazismo no coração das mulheres do mundo inteiro. Artamilce Guedis deu-nos [um] exemplo de imensa beleza [...]. A Artamilce que combate o nazismo, um anjo com espada de fogo, uma espécie de Gabriel. Pela mesma boca por onde saíram tantos poemas maravilhosos saem notas da mais ardente revolta. Ao invés das rimas de Olegário Mariano, palavras assim: Devemos cultivar a ideia anti-nazista, não por uma semana apenas, mas por todo o sempre!. Lembro-me das horas de emoções que me deram as declarações de Artamilce Guedis e acredito, agora, que

¹⁸ “Devemos cultivar a ideia anti-nazista não por uma semana mas por todo o sempre”. Discurso da normalista Artamilce Guedis. *Unitario*, Fortaleza, 06 ago. 1942, p. 02.

o seu grande poema foi o discurso da 4ª feira na Escola Normal.¹⁹

Avesso à participação feminina na política, especialmente a partidária, pois essa era uma das “preocupações da vida” que enrijeciam “as fibras mais sensíveis da alma da mulher”, o autor, no entanto, reconhecia às mulheres o direito de, publicamente, participarem dos debates e ações relativos à guerra. Interessante observar que para ele o envolvimento das mulheres nos assuntos da guerra não tiraria delas a “pureza” e “as virtudes do coração feminino que mais perfumam a existência terrena”. Em outras palavras, não feriria a sua natureza, que não combinava com a “paixão política”.

Mesmo desclassificando o discurso da garota por considerá-lo fruto de um “ódio espontâneo”, característico de um coração feminino que se sensibiliza e se revolta contra as injustiças e atrocidades geradas pela guerra, ele reconhece força e autoridade na atitude da normalista em discursar publicamente contra a Alemanha e sua ideologia nazista. O cronista, dessa forma, legitimava a participação das mulheres em questões relacionadas à guerra, originalmente exclusiva ao sexo oposto.

Embora elas não tenham conquistado, em grau de igualdade, o mesmo lugar ou tivessem a mesma participação que os homens nos assuntos do conflito, esse foi um acontecimento que tornou possível a ampliação de sua participação na esfera pública da cidade. Autorizadas pelos poderes masculinos, muitas souberam aproveitá-lo. Portanto, mais do que resultado de um “ódio espontâneo” contra o nazismo, o discurso de Artamilce é revelador do grau de envolvimento das mulheres no esforço de guerra, levando-as a se destacar no espaço público de Fortaleza. “Nossa voz tinha que ser ouvida também”, bradou ela denunciando o silêncio, a exclusão a que estavam destinadas das questões políticas.

As mulheres norte-americanas, sobretudo, tornaram-se referência por seu engajamento em prol do país durante o conflito. A imagem da estadunidense que luta, trabalha e sofre com a ausência de seus maridos, filhos, irmãos e namorados era constantemente divulgada e alimentada na América pelos mais diversos meios de comunicação dos Estados Unidos.

A revista *Em Guarda*, distribuída mensalmente no Brasil a partir de 1941, por exemplo, não raro trazia em sua capa foto de mulheres estadunidenses em diversas atividades. No exemplar de setembro de 1942 foi reproduzido o retrato da 2ª Tenente do Corpo de Enfermeiras do Serviço Aéreo americano, e no mês de dezembro do mesmo ano uma Praça do Corpo Feminino do Exército bate continência, tendo ao seu lado a bandeira dos Estados Unidos²⁰. Elas também figuraram nas páginas internas da revista, exercendo atividades nas fábricas, oficinas, Forças Armadas, etc. Poucas eram as ocupações e poucos os lugares em que não estivessem presentes como força importante do esforço de guerra “em

¹⁹ SHELLEY. “Artamilce e Maria Clara”. *Unitario*, Fortaleza, 08 ago. 1942, p. 07.

²⁰ Lançada em 1941 pelos EUA, essa revista era distribuída para toda a América Latina e impressionava por sua qualidade editorial. O objetivo da revista era divulgar a ideologia americana e seu poderio militar. Segundo G. Moura, a distribuição deste periódico na América Latina alcançava 500.000 exemplares mensais. MOURA, *Tio Sam chega...*, p. 35.

favor da democracia e da liberdade”.

Durante os anos de guerra o cinema americano também investiu em temas e abordagens nos quais os personagens principais eram mulheres. De acordo com Cristina Meneguello, “na inconquistável fortaleza americana a figura principal era a feminina, responsabilizada pela manutenção da casa, da fábrica e, de forma geral, das instituições”²¹. Essa valorização das mulheres pela imprensa dos Estados Unidos se justificava pelo fato de a Segunda Guerra ter afastado boa parte dos homens da esfera pública, deixando para as mulheres “solidão e novas obrigações”²².

Nesse momento de grande drama humano, as cearenses também foram estimuladas e convocadas a participar ativamente do esforço de guerra, a exemplo das europeias, norte-americanas e mesmo de mulheres de outras cidades brasileiro

*O mal está pegando devagarinho. O mal é o modo de dizer, porque, na realidade, essa inovação tem o seu caráter suigeneris [sic] e o seu lado patriótico. Com o iniciar da atual luta, quando se tornou necessário o emprego das energias de todas as criaturas humanas no esforço de guerra de cada nação, coube á loura Albion tomar a iniciativa de convocar as filhas de Eva para substituir os homens em muitos setores da atividade humana.*²³

Em relação ao Brasil, o autor do artigo cita o caso de Porto Alegre, que teve moças empregadas como condutoras dos “tramways”, e de Manaus, onde mulheres estavam “substituindo os homens que eram condutores de bonde, os quais foram dar sua contribuição valiosa á batalha da borracha”. Com um tom de aquiescência, conclui:

*Aguardemos a nossa vez, se é que a Light pretende empregar moças para tal mister. Por enquanto, ficaremos apenas a saber que, por aí afora, as filhas de Eva estarão empregando as suas energias no nosso esforço de guerra. Agora, mais do que nunca, é o momento desejado.*²⁴

Na imprensa fortalezense, portanto, a participação das mulheres no esforço de guerra era registrada, apoiada e arrancava elogios daqueles que, tradicionalmente, se esforçavam por sua manutenção no espaço doméstico. Em agosto de 1942 o jornal *Unitario* divulgou em suas páginas as “entusiásticas” manifestações ocorridas em Fortaleza em “regosijo” pelo afundamento de um submarino alemão pelas Forças Armadas dos Estados Unidos, ressaltando a presença feminina na passeata:

Releva salientar, aqui, que elementos femininos da classe estudantina tomaram parte na passeata da manhã

²¹ MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de estrelas: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996, p. 74.

²² MENEGUELLO, *Poeira de estrelas...*, p. 74.

²³ “Agora, as Filhas de Eva”. *Unitario*, Fortaleza, 15 mai. 1943, p. 07.

²⁴ “Agora, as Filhas de Eva”. *Unitario*, Fortaleza, 15 mai. 1943, p. 07.

*de ontem, gritando vivas ao Brasil e traduzindo todo o enorme entusiasmo da mulher cearense pelo feito da aviação norte-americana.*²⁵

Da mesma maneira:

*Sob várias formas, a mulher cearense vem concorrendo, ao lado do homem, para dar maior vigor ao esforço de guerra no Brasil. Não lhe falta nem desprendimento nem animo de enfrentar as dificuldades [...]. Quando se precisou de enfermeiras de guerra, para qualquer emergência, vimos a mulher cearense acorrer pressurosa ao primeiro chamado da Patria [...]. Há necessidade de telegrafistas de emergência? E, logo no dia seguinte, dezenas de jovens conterraneas, sem distinção nem preconceitos sociais, apresentam-se para aprender a arte de saber como se movimentam esses pequeninos aparelhos de Morse.*²⁶

Prosseguindo o artigo, o autor convoca então as mulheres para também se envolverem na campanha pela venda do “Bônus de Guerra”. Para reforçar o chamado ele cita o exemplo dos Estados Unidos, onde “as mulheres tomaram a frente do movimento” pela venda do referido bônus com o intuito de arrecadar dinheiro para o esforço de guerra “yankee”. Se lá “Dorothy Lamour, campeã da venda de bônus, ganhou o título de ‘Queridinha da Nação’”, pergunta então o autor: “Quem se candidata, em Fortaleza, ao simpático título de Queridinha da Nação Brasileira?”²⁷.

Assim estimuladas, muitas foram as fortalezenses que empenharam suas energias em atividades relacionadas à guerra, conseguindo com isso destaque na imprensa local e projeção no espaço público da cidade. O momento excepcional que o mundo, o Brasil e Fortaleza, particularmente, estavam vivendo não permitia às mulheres perder seu tempo com “futilidades” nem eximir-se de ocupações em prol da defesa nacional. Em uma crônica intitulada “Bôa Tarde!”, o cronista responde às reclamações de suas leitoras por sua coluna passar dias sem ser publicada, argumentando o quanto a “guerra mudou o rumo das coisas” desviando “o pensamento para problemas mais sérios” e exigindo das mulheres outras preocupações que não o romantismo:

Não pense que tenho prazer em negar a minhas leitoras o habitual dedinho de prosa lírica diária [...]. [Mas] a inteligência deve ser agora inteiramente aplicada em benefício da causa pátria. Por exemplo: não vou dizer agora, minha amiga, que seus olhos são belos, que você é linda, nem lhe pergunto se você gosta de mim. Pergunto

²⁵ *Unitario*, Fortaleza, 20 ago. 1942, p. 02.

²⁶ Grifos nossos. “Queridinha da Nação”. *Unitario*, Fortaleza, 26 mar. 1943, p. 07.

²⁷ “Queridinha da Nação”. *Unitario*, Fortaleza, 26 mar. 1943, p. 07.

*simplesmente se você já é enfermeira e se tem irmãos reservistas. Se ainda não vestiu o uniforme branco, trate de fazê-lo quanto antes, para que receba seu diploma e se transforme numa enfermeirinha habil e gentil.*²⁸

O chamado para as mulheres se integrarem ao movimento em “defesa da pátria ameaçada” veio imediatamente depois da entrada do Brasil na guerra, em agosto de 1942. Fortaleza, a exemplo de outras capitais brasileiras, se preparou para um eventual ataque dos países do Eixo. Para os que residiam na capital cearense a ameaça parecia mais próxima pelo fato da cidade ter abrigado duas bases americanas, levando-os a não poupar esforços para se protegerem. Com efeito, tanto no que concerne à mobilização pela “Defesa Passiva da Cidade” quanto à promoção de campanhas que congregaram esforços dos fortalezenses em benefício da derrota alemã e do combate à ideologia nazista, Fortaleza vivenciou momentos que a tiraram de sua rotina.

Ao exemplificar o envolvimento de grupos de mulheres no esforço de guerra, Stênio Azevedo e Geraldo Nobre citam a campanha promovida pelo Ministério da Marinha para a arrecadação de objetos metálicos com o objetivo de construir navios de guerra. De acordo com os autores, a construção de uma pirâmide de metal na Praça Filgueiras de Melo teve como principais responsáveis as alunas da Escola Normal Justiniano de Serpa e do Colégio da Imaculada Conceição – estabelecimentos de ensino frequentados por moças da classe média e alta de Fortaleza²⁹.

Os jornais noticiavam com frequência toda a movimentação da cidade no combate à ideologia nazista, a participação de Fortaleza nas campanhas nacionais em favor dos Aliados e os preparativos locais para o caso de um bombardeio alemão, bem como a atuação das mulheres nessa movimentação. Assim é que o jornal *O Povo* anunciou, em letras maiúsculas, que as cearenses estavam dispostas a servir ao Brasil, destacando que nos “Correios e Telégrafos mais de cem senhoritas estão praticando no morse” e que outras estavam se organizando para formar a “Legião de Voluntárias”³⁰.

Da mesma forma, o jornal *Correio do Ceará* divulgou a cerimônia de formatura da “primeira turma de diplomandas do Curso de Telegrafistas para Serviços de emergência”³¹. Nos cursos de enfermeiras de emergência, oferecidos por algumas instituições como a Escola Doméstica São Rafael, a Escola Fênix Caixerai, a Cruz Vermelha de Fortaleza e a Escola de Enfermagem de São Vicente de Paulo, era

²⁸ *O Povo*, Fortaleza, 10 set. 1942, p. 02.

²⁹ AZEVEDO & NOBRE, *O Ceará na Segunda...*, p. 205. A Praça Filgueiras de Melo está localizada entre esses dois colégios. A pirâmide foi denominada de “Stalingrado”.

³⁰ “As mulheres cearenses dispostas a servir ao Brasil”. *O Povo*, Fortaleza, 18 set. 1942, p. 04. A “Legião de Voluntárias” foi fundada pelas esposas de oficiais do exército, cuja sede funcionava no Palácio do Comércio – defronte ao prédio onde hoje funciona o Museu do Ceará – e que procurava oferecer cursos de treinamento médico para suas integrantes. AZEVEDO & NOBRE, *O Ceará na Segunda...*, p. 167-168. Em janeiro de 1943 o jornal *O Povo* noticiou que a Escola de Enfermeiras São Vicente de Paulo teria diplomado mais uma turma de “Voluntárias Socorristas”, constituída de senhoras de oficiais do exército. *O Povo*, Fortaleza, 09 jan. 1943, p. 01.

³¹ “Mulheres Telegrafistas”. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 03 abr. 1943, p. 03.

grande o número de interessadas. Esta última, inclusive, recebeu em maio de 1943 a visita de Herbert Johnson, enfermeira de guerra norte-americana.

Considerações finais

Muito embora a participação na mobilização da cidade em torno da guerra estivesse aberta para as mulheres de todas as classes sociais, chamou-nos a atenção o envolvimento das que pertenciam às classes média e alta de Fortaleza pelos limites que lhes eram impostos exatamente por sua condição social. Esse envolvimento se deu de várias formas, desde manter-se informada dos acontecimentos na Europa, fazer cursos de enfermagem de guerra até organizar e participar de festas destinadas aos americanos aquartelados na cidade³².

Ao contrário das mulheres dos segmentos populares, que por necessidade econômica precisavam ocupar seu tempo com funções que lhes trouxessem algum tipo de renda, as que pertenciam aos setores privilegiados da sociedade de Fortaleza poderiam dar-se ao luxo de dedicarem-se a trabalhos voluntários. Mas mesmo as ocupações em que havia alguma remuneração, elas também foram realizadas por mulheres das camadas médias e altas de Fortaleza – como no caso das funcionárias do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA). O fato de terem maiores condições de escolarização e o jogo de influência política que havia entre essas classes sociais, são fatores que certamente ajudam a explicar o exercício em tais atividades.

Acreditamos que o momento de excepcionalidade vivido por Fortaleza durante o conflito mundial contribuiu para maior visibilidade e projeção dessas mulheres na esfera pública da cidade durante e após o combate. Numa sociedade em que o tradicionalismo católico exercia ainda forte influência sobre o comportamento das mulheres e o trabalho feminino só era admitido em caso de real necessidade ou em funções consideradas femininas (como o magistério, por exemplo), a guerra possibilitou às mulheres dos segmentos privilegiados sair mais do âmbito doméstico com consentimento, inclusive, daqueles que defendiam sua manutenção no espaço privado e no exercício da função de mãe, esposa e dona de casa.

Assim, nos cursos de enfermagem, de telegrafistas, em passeatas pelas ruas da cidade, em discursos contra o nazismo, confeccionando agasalhos para os pracinhas na Legião Brasileira de Assistência, exercendo atividades no SEMTA³³ ou mesmo auxiliando na organização de eventos sociais para os soldados “yankees”, essas

³² “O USO de Fortaleza localizado na praia, na avenida Getúlio Vargas, visa especialmente a recreação dos soldados e marinheiros. Miss. Frances Eddy que veio para cá especialmente para dirigir as suas atividades é auxiliada por Mrs. Peacock esposa de um funcionário americano da Pair American Airway. Muitas senhoritas da sociedade local auxiliam Miss. Eddy e tomam parte nas frequentes reuniões dansantes patrocinadas pelo USO”. WAGNER, Paul F. “Como vivem os oficiais e soldados americanos em Fortaleza”. *Revista Contemporânea*, Fortaleza, n. 38, ano V, out. 1944, p. 08. Ver também: SEMEÃO, Jane. “Comportamento feminino em Fortaleza: entre o tradicional e o moderno durante a 2ª Guerra Mundial (1939-1945)”. In: SOUZA, Simone & NEVES, Frederico de Castro (orgs.). *Fortaleza: História e cotidiano*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

³³ O SEMTA teve em seu quadro de funcionários algumas mulheres fortalezenses e de outros estados, como a senhorita Iaci Gentil Nunes, oriunda do Rio de Janeiro, e que exercia a função de Assistente Social.

mulheres puderam empregar suas energias em atividades que não estavam ligadas unicamente à Igreja Católica e aos afazeres domésticos.

Apesar dessa participação feminina no esforço de guerra não ter significado, necessariamente, a sua profissionalização, podemos inferir, a partir da documentação analisada, que os anos de guerra favoreceram consideravelmente a incursão das mulheres fortalezenses, mormente as de classe média e alta, nos espaços públicos da cidade. Dito de outra forma, muito embora as distinções entre os papéis femininos e masculinos continuassem bem demarcados, acreditamos ter sido esse um momento favorável a uma projeção significativa das fortalezenses na cidade.

A grande utilização de mão de obra feminina pelos Estados Unidos e países europeus em diversos setores da economia em decorrência do grande recrutamento de homens para lutarem na guerra, bem como toda a propaganda de valorização das mulheres como trabalhadoras efetuada pelos Estados Unidos, são elementos importantes para pensarmos numa maior aceitação das brasileiras, no nosso caso das fortalezenses, no mercado de trabalho.

Os discursos produzidos pelos jornais defendendo o exercício por parte das mulheres de atividades até então de domínio masculino ganham fôlego ao referendar-se na coragem, capacidade, luta e determinação das mulheres americanas e europeias. Respondendo a um artigo de um escritor local sobre o espírito feminino caracterizado por ele como “fútil no que toca a inteligência”, a autora da réplica, para provar o contrário e mostrar a capacidade feminina, cita como modelo as norte-americanas:

*O que há de importante, de doloroso para o resto da humanidade, é que, queiram ou não queiram os homens, sorriam ou não sorriam eles, chegou a nossa hora. Nós fizemos felizes um único país do mundo – que se chama Estados Unidos da América, a única terra onde ser mulher é um privilégio. Podemos dizer, sem receio de exagerar, que lá, a influência da mulher em todos os ramos da atividade do espírito modificou e caracterizou a civilização americana. [...] Temos que auxiliar a modelar o mundo futuro com as nossas mãos. Temos que deixar nele as marcas femininas que deve ter a civilização feliz. Invoco de novo o grande êxito americano.*³⁴

Embora não mencionando os Estados Unidos no que se refere às conquistas femininas, o cronista do *Correio do Ceará* faz uma relação entre o momento de guerra que se vivenciava e a incursão das mulheres na esfera pública da cidade:

³⁴ QUEIROZ, Dinah de Silveira. “Em nome da mulher”. *Unitario*, Fortaleza, 19 dez. 1943, p. 09. A autora transcreve a frase em que o escritor caracterizou o espírito feminino: “Porque as ideias nelas têm a mesma importância que a moda. Usam-nas como um chapéu ou um penteado, passada a moda trocam de ideia ou penteado”. Apesar da defesa que faz das mulheres, e para evitar qualquer ligação com o momento feminista, ela ressalva que: “Disse, acima, que chegou a nossa hora. É bom acrescentar, no entanto, que não disse isso pensando nas mulheres em passo militar, nem nos tremendos clubes de reivindicações femininas. Em nome dessas criaturas eu não falo, porque não sei bem se são, realmente, nossas companheiras”.

*Temos que estar contentes com as nossas corretissimas conterraneas pelo surpreendente equilibrio com que elas se vêm conduzindo nestes tormentosos dias de guerra; em Fortaleza, hoje, as moças desocupadas pertencem a uma irritante minoria burguesa cheia de ‘esnobismo’ e requintes estéreis [...]. Reparem as escolas de datilografia como estão cheias de moças, vejam os cursos de inglês, de contabilidade, as aulas diurnas e noturnas de ciencias economicas: - as mulheres estão em toda parte, estudando, competindo, vencendo. Agora mesmo, no concurso para postalista, promovido pelo DASP [Departamento Administrativo do Serviço Público] em Fortaleza, o elemento feminino triunfou esmagadoramente. Submeteram-se ás provas 84 candidatos, dos quais 32 homens e 52 mulheres. Pois bem: somente 5 lograram aprovação e entre esses 5 só ha um unico homem! Não é espantoso? Fradique, o sabio Fradique Mendes, gostava de dizer que os homens nasceram para trabalhar e as mulheres para chorar. Perguntem aos 31 marmanjos reprovados que especie de choro é esse.*³⁵

Assim, consideramos que a atuação das mulheres européias e norte-americanas no esforço de guerra produziu uma valorização do trabalho feminino que repercutiu de maneira favorável às mulheres da conservadora Fortaleza, facilitando seu acesso ao domínio público. Embora não tenha significado uma subversão de papéis, e apesar do trabalho feminino ter sido em caráter auxiliar, secundário, o fato é que isso abriu frechas para sua maior incursão nos espaços públicos da cidade, como reconhece o anônimo autor de um artigo que defendeu “como questão das mais sérias” na política social do após-guerra “a reintegração da mulher na vida do lar”:

*As circunstâncias excepcionais do momento como que a tornaram uma competidora do homem na luta pela vida, outorgando-lhe uma independência excessiva e ocasionando o seu conseqüente afastamento do lar em prejuizo da sagrada instituição da familia, célula que é da organização social.*³⁶

³⁵ BOB. “Que especie de choro é esse?”. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 03 abr. 1943, p. 03, Seção “Cronica Social”.

³⁶ “O Pós-guerra reintegrará a mulher na vida do lar”. *O Povo*, Fortaleza, 04 set. 1944, p. 04. No mesmo jornal, encontramos outro artigo reivindicando o retorno das mulheres ao lar no pós-guerra: “Nesta guerra em que as forças totais de várias nações estão orientadas no sentido da vitória, vemos a mulher dar o melhor de seu esforço e inteligência pela causa comum [...] destruindo assim o mito da superioridade masculina. Volta-se então ao velho problema: deve a mulher trabalhar nos escritórios ou dedicar-se ao lar? Se elas já provaram ser tão aproveitáveis nas artes como os homens porque continuarem presas ás panelas? Porém a mulher realmente inteligente sabe que apesar das grandes conquistas femininas em diversos setores, o verdadeiro lugar onde ela está aclimatada e naturalmente indicada é o lar. A mulher na guerra”. *O Povo*, Fortaleza, 01 jul. 1944, p. 02.

Mesmo em cidades como Fortaleza, onde a participação feminina no esforço de guerra não teve as mesmas proporções que as observadas nos Estados Unidos e na Europa, seus efeitos puderam ser sentidos. Embora não rompendo com o discurso masculino, também interiorizado por elas, essas mulheres utilizaram-se de brechas e oportunidades abertas por aquela situação de conflito em benefício próprio, operação que se traduziu na tensão entre uma cultura marcada pelo conservadorismo e outra que, naquele momento, representava, para muitos, o ideal de modernidade. Nesse contexto, as mulheres dos setores médio e alto avançavam em suas conquistas. A fundação da “Escola de Nutrição Agnes June Leight” em outubro de 1944³⁷ e, na mesma data, a ida de Elerisa Ellery aos Estados Unidos para fazer um curso numa “escola de alimentação”³⁸, são exemplos significativos de como souberam converter em seu benefício aquele momento de emergência em ganhos que não foram apenas temporários.

Apesar das atividades exercidas pelas mulheres de Fortaleza durante os anos de guerra terem se restringido, em grande parte, a funções consideradas femininas, isso não desvaloriza sua importância. Nas relações de gênero estabelecidas a partir do século XIX, sabemos que foi justamente ao se apropriar dos novos lugares e funções a elas confiados, ou, como diz Perrot³⁹, “deixados”, que puderam desenvolver poderes que lhes permitiu ocupar espaços que ultrapassaram a esfera doméstica. Os anos de Segunda Guerra em Fortaleza, como nos permite entrever a documentação consultada, portanto, contribuíram para que as fortalezenses ampliassem e consolidassem suas conquistas nas décadas posteriores.



³⁷ A Escola de Nutrição nasceu sob a cooperação da “Comissão Brasileiro-Americana de Produção de Gêneros Alimentícios” e do SAPS (Serviço de Alimentação da Previdência Social). A instituição dessa escola resultou de um dos inúmeros projetos de cooperação cultural entre Brasil e Estados Unidos através do “Birô interamericano”. MOURA, *Tio Sam chega...*, p. 13-58. Até a fundação da referida escola, era raro a existência de nutricionistas entre as fortalezenses. No SEMTA, por exemplo, essa função foi exercida por profissionais de outros estados. O objetivo da escola era formar “visitadoras de alimentação”, “nos moldes do ‘Home Demonstration Work dos Estados Unidos’”. Algumas fortalezenses trabalharam para o SAPS após concluído o curso. *Unitário*, Fortaleza, 07 set. 1946, p. 05.

³⁸ Viagem patrocinada pela “Comissão Brasileiro-Americana de Gêneros Alimentícios” em colaboração com o SAPS. Formada em nutrição na república norte-americana e de família importante de Fortaleza, ela assumiu em 1946/1947 (não temos a data exata) a direção da “Escola de Nutrição Agnes Junes Leight”.

³⁹ PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 97.

RESUMO

A Segunda Guerra Mundial, acompanhada através dos jornais e da única emissora de rádio existente na capital cearense (Ceará Rádio Clube – PRE-9), mobilizou o interesse e participação de muitas fortalezenses das camadas médias e altas em atividades relacionadas às campanhas de defesa passiva da cidade e em favor da derrota alemã após a declaração de guerra feita pelo governo brasileiro aos países do eixo. Esse artigo analisa de que forma se deu essa participação mostrando, ademais, como a apropriação desse contexto de guerra proporcionou-lhes maior visibilidade e estimulou-as a ultrapassar as fronteiras que limitavam seu acesso ao espaço público, abrindo frestas para sua ampliação durante e após o fim do conflito.

Palavras Chave: Fortaleza; Segunda Guerra Mundial; Participação Feminina.

Artigo recebido em 12 abr. 2013.

Aprovado em 15 jan. 2014.

ABSTRACT

The Second World War followed by newspapers and radio station, mobilized the interest and participation of many *fortalezenses* the middle and upper classes in activities related to the campaigns of passive defence of the city and in favour of the defeat of Germany after the declaration of war made by the Brazilian government to countries shaft. This article examines how these women came to participate in these activities and how the appropriation of this context of war gave them greater visibility and encouraged them to overcome the boundaries that limited their access to public space.

Keywords: Fortaleza; WWII; Female Engagement.